

CiberÀtrações: Do sensualismo radical ao animismo, devir bicho

Gastão Frota

“Verdadeiramente nada é estéril; e essa realidade é um perigo aterrador, fato básico da vida e uma oportunidade de fazer-criatura”

Donna Harraway

“nada é humano inequivocamente” Viveiros de Castro

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão teórica sobre a relacionalidade envolvida no desenvolvimento de performances de arte pública com a presença de animais vivos, objeto da tese de doutoramento em Arte Multímedia intitulada *ciberÀtrações e as veredas multiespécies*. Junto à apresentação da trajetória do processo de criação, são discutidos conceitos da estética da imanência, da biologia e do perspectivismo ameríndio que inspiram a realização dos trabalhos. Instigado por Bergson, Harraway, Nietzsche e Viveiros aproprio-me da noção de Simanimagenia (Harraway, 2016) para elaborar um conceito original, a Simagenia – enquanto modo fabulativo de pensar ecologicamente a relacionalidade material e multiespécies nas narrativas criadas, desde um paradigma multinaturalista (Viveiros, 2014).

Palavras Chave: performance, bicho, *Kin*, multinaturalismo, simbiogênese.

Abstract

This essay proposes a theoretical reflection on the relationality involved in a process of creating public art performances with the presence of live animals, object of the doctoral thesis in Multimedia Art entitled ciberÀtrações e as veredas multiespécies. Along with the presentation of the trajectory of the creative process, concepts of the aesthetics of immanence, biology and the Amerindian perspectivism that inspire the work are discussed. Instigated by Bergson, Harraway, Nietzsche and Viveiros, I appropriate the notion of Simanimagenia (Harraway, 2016) to elaborate an original concept, Simagenia - as a fabulative path to think ecologically about the material and multi-species relationality in the narratives created, from a multinaturalist paradigm (Viveiros, 2014).

Introdução

O ponto de partida das ciberÀtrações foi a charreteNet, trabalho realizado em Uberlândia em 2011, Grande Beagá e Brasília-DF em 2014, quando realizamos também o carROBOis. Começo apresentando resumidamente o trabalho e indico links de textos que tratam do contexto crítico anticolonial e locativo a partir do qual a questão-problema sobre o animal se desdobra aqui no bicho - desde a sensorialidade da percepção à relacionalidade multiespécies.

Com base no livro *Staying with the Trouble* (2016) de Harraway - cujo Manifesto Ciborgue inspirou inicialmente as ciberÀtrações - apresento conceitos e teorias que balizam um sentir-pensar multiespécies. A partir de uma citação da autora sobre o Animismo (Viveiros de Castro), aproprio-me do termo *simanimagenic* para propor então um conceito afim, o de SIMAGEM como natureza relacional que vincula, e faz *kin* entre o perspectivismo ameríndio e o de Nietzsche, em chave relacional. O ensaio termina com uma amostra da parte prática da investigação – que visa realizar as ciberÀtrações em Lisboa tendo como motes: a relacionalidade multiespécies e a Arte Participativa.



Fig. 1. charreteNet-Beagá na Vila Dias com as Brigadas Populares, Belo Horizonte 2014.



Fig. 2. Stills do curta-metragem carROBOis-DF, Brasília 2014.

CiberÀtrações

A charreteNet fez passeios de quatro dias num cocheo feito de reciclagens, conduzido por cavalos e carroceiros urbanos e com uma trupe munida de smartphones com estação webmultimidia a experimentar com as transmissões de vídeo ao vivo enquanto negocia com o público sua participação nos escambo-*happenings* - um ritual de trocas de presentes mais que materiais.

Enquanto proposição participativa a charreNet utilizou as redes sociais (e a web 2.0) como meio material de produção do trabalho, de barganhar a *imagem-com* um mais que imagem, de conversar materialmente, encontrar locais de pernoite, acolhidas. Como *Ciborgue mambembe* - conceito dado à charreteNet nos textos mencionados a seguir as ciberÀtrações promoveram jogos de presença-ausência que convidam o internauta a aproximar-se em tempo real da situação dos cocheiros urbanos, dum contexto simbiótico urbano marginalizado, para fazer o que compreendo hoje como simagenia.

Em “Pelos Bordas: a cidade como território sensível”, a ação é caracterizada como trabalho de “arte política e contextual” que se articula “no confronto entre ‘poderes globais e os sentidos tenazmente locais” (Bauman, 2009:35, apud Rauscher, 2013:21 in Revista Gama #1). Junto com

Rauscher elaboramos sobre o colaborativismo e a economia solidária promovida pelos escambo-*happenings* também num hipertexto publicado nos anais da ANPAP 2013, e conectado ao canal de youtube do projeto.

Já durante o doutoramento produzi o site charrete.Net, lançado num evento em fevereiro de 2018 quando reunimos no Museu Universitário de Arte pessoas que participaram da primeira ação em Uberlândia para se verem no site. Sob o enquadramento das ciberÀtrações como arte locativa, produzi em dupla com Vanessa Santos, o artigo *Cyber attractions of WagonNet: modes of activist engagement for reclaiming the public space*, apresentado no ISEA 2018 em Durban.

Conforme os títulos dessas publicações podemos ver que a presença do animal nas ciberÀtrações realizadas no Brasil teve um forte efeito catalizador para fazer pensar as relações humanas em torno do animal e fazer simagenia por meio dos escambo-*Happenings*. A aproximação e interação com o animal não-humano ‘em si’ apresenta, entretanto, desafios ainda maiores que motivam a presente investigação, já que os animais não se interessam por arte.



Fig. 3. Uta e Retama, Gastão Frota, 2020. Mar de La Riera, Espanha.

Bichos outros

Com o desejo de fazer arte e nos aproximar desse “animal em si”, opto na presente investigação por trabalhar com a noção de bicho a fim de enfatizar a relacionalidade interespecies numa abordagem perspectivista contrária à da bestialização colonialista que ronda o animal. É o Bicho então que nos enveredará pelos Estudos Animais, campo emergente e complexo de estudos que abriga discussões que se alastram por abordagens inter- e multidisciplinares, entrelaçando saberes da Filosofia, Ciências Sociais, Biologia, Geografia, Direito, Antropologia, e obviamente das Artes.

Essa tem sido uma tarefa instigante e desafiante, pois não sou biólogo, nem filósofo. Na escrita a síntese do enquadramento teórico vem modificando o objeto, cuja delimitação em torno da relacionalidade (Nurit Bird-David, 2019) ocorre paralelamente à pesquisa pelo acesso à cavalos e criaturas cuidadas com atenção à sua etologia.

Dopontodevistadoartista professor investigador,aproximo a questão do paradigma do multinaturalismo de Viveiros de Castro às imagens da simbiogênese evolucionária de Lynn Margulis numa fabulação especulativa (SF - Harraway) que envereda então as ciberÀtrações pelos estudos críticos multiespecies com objetivo de sentir-pensar-fazer Arte com responsA ecológica.

Que relações podemos resgatar e vale o afeto constituir? De mesma raiz etimológica, para frisar o óbvio, as palavras: animal, alma, animo e animar caminham juntas. O que não é nada óbvio é a maneira como a relação corpo-espírito-animal pode configurar um pensar-sentir junto às outras criaturas e coisas, e ajudar a estabelecer modos de convivência multiespécie que não a tosca ideia de recurso natural, sob a qual pesa uma Terra árida, desprovida de estética, mundo em que reina o devoramento predatório do homem pelo homem.

Na pesquisa de imagens, nas quais o animal tem protagonismo, fica bem clara a extensão do elogio ideológico do predador, na figura do Leão, comumente associadas ao neoliberalismo e ao patriarcalismo; e num caso extremo, a do velociraptor usada por uma extrema direita fascista, reacionária e abertamente misógina.

Contraopondo-se à seletividade darwinista por meios sexuais – que no senso comum é entendida como aval para um individualismo predatório - a teoria da simbiogêneses aponta a simbiose, por meio da fagocitose interrompida, como mecanismo evolucionário primordial, mostrando que nossas relações multiespecies com/no bioma como um todo são muito mais densas, ricas e complexas do que foi pensado modernamente sob as rígidas rubricas da relação sujeito-objeto e da autopoiesis.

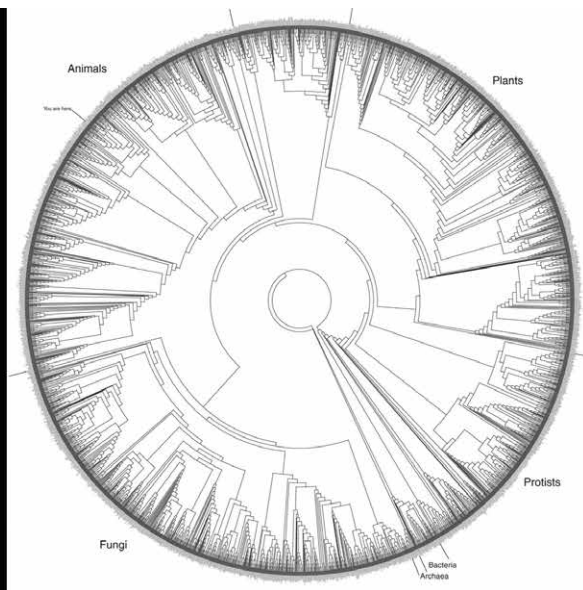
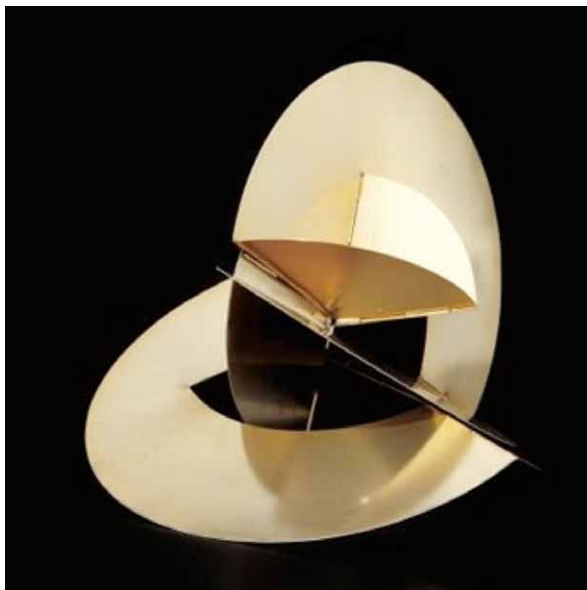


Fig. 4. *Bicho Parafuso Sem Fim* de Lygia Clark, 1960, e disco filogenético de Hillis, 2019.

Sujeitos à

A confluência do enquadramento teórico tem como fundamento o sensualismo radical, segundo “a máxima nietzschiana de que não são os sentidos que mentem, mas o que o intelecto faz deles”, como escreve Nasser na tese “Epistemologia e ontologia em Nietzsche à luz do problema do tempo” (2013).

A premissa da relacionalidade que aí desponta é a de que “o ‘espelho’ humano não é inteiramente exterior à essência das coisas”, e que o realismo dos perspectivismos pressupõe um protagonismo substancial dos seres por meio dos quais falamos *com* e desde coisas e seres, e não apenas sobre elas, como ilustração do pensamento ‘interior’ num meta-fora.

Nesse sentido, com os sentidos, interessa à investigação focar na pessoalidade, não tanto como conceito jurídico da bioética, mas como protagonismo narrativo de afetos substanciais cujo efeito de presença (Gumbrecht) ganha força na relação expressiva direta – na performatividade que intensifica intimidades desde uma interpessoalidade que afeta discursos e narrativas com base na sensorialidade. Digo pessoalidade não somente porque a alguns animais tem sido concedido estatuto de pessoa jurídica – como no caso da simpática orangotango Sandra na Argentina – mas principalmente porque lido com os bichos de maneira equivalente a que lidamos com os humanos, “já que para o homem, o mundo é homem” como afirma o perspectivismo monolítico de Nietzsche, – como também o ameríndio, só que com uma diferença fundamental.

Como magistralmente colocado por Viveiros de Castro, e frisado por Roy Wagner – o perspectivismo ameríndio atualiza aí uma perspectiva reversa determinante para um sentir-pensar multiespécies: *“Deixemos claro: os animais e outros entes dotados de alma não são sujeitos porque são humanos, mas o contrário – eles são humanos porque são sujeitos. Isto significa dizer que a Cultura é a natureza do Sujeito; ela é a forma pela qual todo agente experimenta sua própria natureza. O ‘animismo’ indígena não é uma projeção figurada das qualidades humanas substantivas sobre os não-humanos; o que ele exprime é uma equivalência real entre as relações que humanos e não-humanos mantêm consigo mesmos: os lobos vêem os lobos como os humanos vêem os humanos – como humanos. O homem pode bem ser, como sabemos, um ‘lobo para o homem’; mas, em outro sentido, o lobo é um homem para o lobo. Pois se, como sugeri, a condição comum aos humanos e animais é a humanidade, não a animalidade, é porque ‘humanidade’ é o nome da forma geral do Sujeito.”*

No perspectivismo não há uma identidade fixa do sujeito, nem da coisa, em si – daí as aspas do “espelho” na frase de Nietzsche (rever Fig. 5). Em ambos os casos, a relacionalidade se volta de um embate entre espécies autônomas para um relacionamento existencial, desde um materialismo sensorial próprio às temporalidades, ao convívio que implica os “espécimes” das distintas espécies enquanto sujeitos *dividuais* – como coloca Nurit Bird-David (2019) ao se referir a esse conceito de Strathern: “Isto não quer dizer que eu seja consciente da relação com ele “em si mesmo”, como uma coisa. Antes, sou/ estou consciente



Fig. 5. Sem crédito. Brasil. Imagens divulgadas pelo Partido Social Liberal na campanha eleitoral 2018.

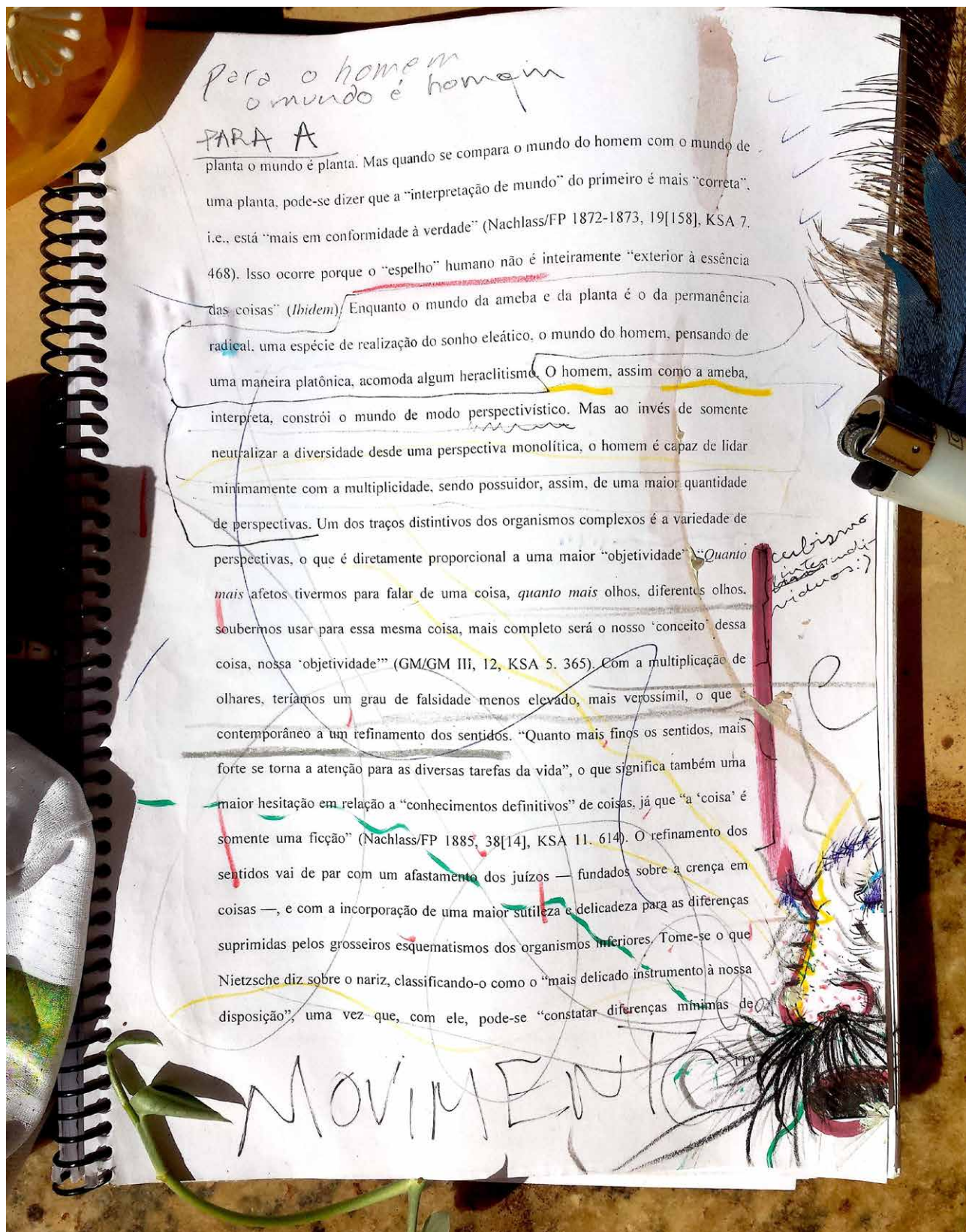


Fig. 6. Cubismo Inter-indivíduos, 2015. Desenho de Gastão Frota sobre página da tese de Eduardo Nasser, 2015]

da relacionalidade com meu interlocutor ao engajar-me com ele, atenta ao que faz em relação ao que faço, a como me fala e me escuta enquanto lhe digo e lhe escuto, o que ocorre, de modo simultâneo e mútuo, comigo, com ele, com nós.”

A grande diferença do paradigma do multinaturalismo é que o perspectivismo ameríndio é já multiespécies, consciência praticamente impossível à época de Nietzsche na qual, por exemplo, ninguém especularia sobre o que as amebas nos ensinam sobre a política (Massumi, 2014) pois não havia sequer a tecnologia para as conhecer, como hoje começamos a fazer – desafiando, por exemplo as hierarquias especistas da árvore da vida com a temporalidade cônica do disco filogenético que com a invenção participativa do *Bicho* de Lygia Clark (Fig. 4), se abre à forma cônica, usada também por Bergson para explicar a diferença entre o tempo linear e a duração, na qual todo passado existe no presente.

Essas maneiras de pensar tipificam a filosofia da Imanência e têm em comum o fato de colocarem a Duração (Bergson) como instância primordial para sentir-pensar (Massumi 2008) a existência concreta dos sujeitos e seus Devires (Deleuze) num Heraclitismo expressivo, que como em Nietzsche, Harraway e boa parte de toda poesia privilegiará sempre a performatividade para nos implicar numa relação de produção de subjetividade.

SimPoética!

Apropriando-me do termo *simanimagenic*, inventado por Harraway, elaboro um conceito precedente, que chamo de simagenia: um protagonismo substancial das coisas, também inanimadas, que são evocadas analogicamente desde/com/na imagem. Essa teorização conduzirá uma maneira de pensar-sentir a questão relacional no simbólico – quanto ao bicho - que considero mais profícua ético-esteticamente e politicamente mais interessante do que a chamada estética relacional (por contra-exemplo), já que a simanimagenia e a simangenia direcionam a questão da relacionalidade para uma ecologia materialmente sensível do fazer-interpretar nas Artes.

O termo Simanimagenic surge nas Estórias de Camille, que constituem o último capítulo do livro *“Staying with the Trouble: Making Kin in The Chthulucene”* de 2016. Ele foi inspirado pela Simbiogênese Evolucionária, ou Endosimbiótica, desenvolvida por Linn Margulis e a Teoria (narrativa) dos Portadores de Sacolas, *The Carrier Bag Theory*

(Le Guinn, 1986); uma cientista escritora, outra escritora SF, ambas feministas e “visionárias periféricas” - como foi dito de Margulis por seu pioneirismo no reconhecimento da diferença ontológica de uma maneira de pensar feminina (e que extrapola a noção biológica!)

Em “The Camille Stories: Children of Compost” Harraway fabula sobre as primeiras gerações de mulheres-borboletas mutantes que buscam fazer alianças multiespécies para regenerar o sistema ambiental num planeta danificado. Como parte do desenvolvimento de estratégias de adaptação, as práticas “para morrer e viver bem” frente à intensificação da hecatombe ecológica planetária em curso, a autora especula sobre o advento de simbiontes humano-animal junto a sociedades Compostistas.

No contexto multigeracional, o termo Symanimagenic aparece inicialmente como adjetivo associado às ideias de simpoiética e simbiogêneses.

“Simbiogêneses, um termo evolucionário, refere-se à origem de novos tecidos, órgãos, organismos – e espécies mesmo – pelo estabelecimento de simbioses permanentes ou de longa duração”. (*Symbiotic Planet* pg 8. Lynn Margulis).

Proposição de sistemas abertos, a simpoiética opõem-se ao conceito de unidade autopoiética, utilizado por uma ampla gama de pensadores desde sua elaboração na biologia por Varela & Maturana. Em *A Árvore do Conhecimento* de 1984, os seres vivos são descritos por eles como um tipo de sistema peculiar, cuja “organização é tal que seu único produto são eles mesmos”. Simpoiética significa ‘fazer-com’ e refere-se portanto à “complexidade que percorre os holobios da Terra” e caracteriza seus “sistemas coletivamente produzidos e não auto-delimitados em suas divisas espaciais ou temporais” (Dempster apud Harraway).

Em seguida, no tópico “Mundificação da Arte Ciência permanecendo com o problema”, *simanimagenic* é usado para caracterizar a própria prática do fazer-kin, um compromisso – comum aos casos reais e ficcionais analisados no livro, que caracteriza projetos de vida como um “devir envolvendo as vidas de uns nos outros” - e doutros num eu anti-narciso (Viveiros).

“Each of these projects is a case of noninnocent, risky, committed ‘becoming involved in one another’s lives.’ Making-with and tangled-with the tentacular ones, which are gripping and stinging for an ongoing generative Chthulucene, each is a

sf string figure of multispecies becoming- with. These science art worldings are holo biomes, or holoents, in which scientists, artists, ordinary members of communities, and nonhuman beings become enfolded in each other's projects, in each other's lives; they come to need each other in diverse, passionate, corporeal, meaningful ways. Each is an animating project in deadly times. They are sympoietic, symbiogenetic, and symanimagenic."

Em forma de fabulação especulativa (SF) - *Speculative Fabulation* como a autora define essa sua escrita (resignificando o acrônimo de Science-Fiction) - interessa por hora frisar que o livro promove a responsabilidade no pensar e agir comunitários junto a outras espécies, ao descrever e elaborar sobre casos reais - e cenários especulativos mais ou menos verrosímeis no conjunto do problema e suas escalas temporais - tecendo redes causais-efeito agenciadas por humanos junto à não-humanos.

Assim como o conceito de ciborgue em "A *Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*" norteia sua visão do feminismo, o de *Making Kin* (de familiarizar-se, de fazer parentesco num sentido não co-sanguíneo) "sudeia" a sua abordagem da questão ecológica, ao eleger os mundos-multiespécies-de-vida de comunidades periféricas no Chthuluceno (nome feminista, e simanimagênico, dado ao Antropoceno) como casos de estudo-modelos de produção.

Emprego o neologismo "sudeia" já fazendo *kin*, pois, embora o termo soe pouco melódico e a antropóloga feminista materialista pós-modernista seja estado-unidense, ela alia pensadoras e pensadores cujas abordagens da relacionalidade entre criaturas e objetos - ou não-objetos no caso da Arte Participativa - desafiam padrões hegemônicos dos processos de conhecimento tradicionais (filiais em maior ou menor grau aos patriarcalismos esbranquiçados e aos transcendentalismos cristãos). Ao pensar o protagonismo substancial de uma *imagem-com*, i.e. o protagonismo do que é evocado e advém com a imagem, a ideia de simagem nos envereda por uma epistemologia do Sul (Boaventura), propõe tramar estórias a contar na História e a projetar aí também o vir-a-ser de afectos com quem se conta e os mundos-de-vida com quem se contará (†ou não).

Entre as alianças com que Harraway fabula, abordarei a seguir a mais seminal de uma série de conexões que se alinham na investigação desde o ponto de vista dum fazer

artístico desejante (Chauí, 2011) no plano epistemológico de uma ontologia sensualista-materialista-animista que nos envereda com o Perspectivismo Ameríndio pela reviravolta figura-fundo da relatividade (Roy Wagner, 2012), ao propor a inversão do paradigma "multiculturalismo X Natureza unificadora" com o paradigma dos multinaturalismos >vezes e versus< na Cultura.

A frase *token* de Viveiros discutida por Harraway "O Animismo é a única forma sensível do materialismo" nos coloca frente a frente com o bicho do animismo simagenico e da relacionalidade simanimagenica:

"Working with Brazilian Amerindian hunters, with whom he learned to theorize the radical conceptual realignment he called multinaturalism and perspectivism, Eduardo Viveiros de Castro wrote, 'Animism is the only sensible version of materialism.' I am not talking about people like me – or kids like Nuna – "believing" in the spirit world. Belief is neither an indigenous nor a "chthulucenean" category. Relentlessly mired in both internecine and colonizing disputes of Christianity, including its scholarly and civic secular forms, the category of belief is tied to doctrine, profession, confession, and taxonomies of errors. That is, believing is not sensible. I am talking about material semiotics, about practices of worlding, about sympoiesis that is not only symbiogenetic, but is always a sensible materialism. The sensible materialisms of involuntory momentum are much more innovative than secular modernisms will allow. Stories for living in the Chthulucene demand a certain suspension of ontologies and epistemologies, holding them lightly, in favor of more venturesome, experimental natural histories. Without inhabiting symanimagenic sensible materialism, with all its pushes, pulls, affects, and attachments, one cannot play Never Alone; and the resurgence of this and other worlds might depend on learning to play".*

"Never Alone" se refere ao nome de um jogo eletrônico feito e desenvolvido para os Inúis; vale destacar que "Nunca Sozinho" entretanto expressa também no contexto aqui em discussão, literalmente como soa na frase, o fim do individualismo como medida absoluta de toda condição ontológica: "sem habitar o materialismo sensível simanimagênico, com todos seus empuxos, empurros, afectos e ligações, não conseguimos jogar 'Nunca sozinho'; e a ressurgência deste e outros mundos pode depender (exatamente) de aprender a jogar"

Ao estabelecer a simbiogênese evolucionária como "modo mutante" da evolução, Margulis nos mostra

microbiocsmologicamente a simbiose como modo de relação ontológico entre as criaturas umas-nas-outras, um devir. Eis aí a chave: ao habitar a linguagem junto às coisas e seres com as quais nos engajamos na vida, os termos Perspectivismo e Animismo passam a designar o modo como humanizamos criaturas e coisas sem fetichizá-los e sim reinserindo-os em outras escalas e dimensões, ou melhor, em multinaturezas – de modo a não nos acomodarmos no individualismo cognitivo, edipiano e neurotizante – geralmente justificados em termos absolutos como sistemas isolados em suas autopoiesis da espécie (Uexküll, Agamben), dum espécime específico (Lacan) ou de ambos (Varela & Maturana etc - a lista seria enorme já que se trata duma tendência hegemônica que identifica o “homem” standart numa natureza standart).

“Portanto, se os salmões parecem aos salmões o que os humanos parecem aos humanos – e isto é o ‘animismo’ –, os salmões não parecem humanos aos humanos, nem os humanos aos salmões – e isto é o ‘perspectivismo’. O que as cosmologias indígenas afirmam, finalmente, não é tanto a ideia de que os animais são semelhantes aos humanos, mas sim a de que eles – e portanto nós – são diferentes de si mesmos: a diferença é interna ou intensiva, não externa ou extensiva. Se todos têm alma, ninguém é idêntico a si mesmo. Se tudo pode ser humano, então nada é humano inequivocamente. A humanidade de fundo torna problemática a humanidade de forma. (Viveiros, 2008)

SimPoética! No que diz respeito às Artes e os deslocamentos (Favaretto, 2010) que ela promove na realidade do simbólico, com suas atividades xamânicas e jogos de linguagem, entre materialismos e idealismos, a Arte fundi-se à simpoiesis - se com ela visamos o novo e a abertura (Éco). Ao afirmar a poética, como saber especulativo, distinto do teórico, ou teórico-prático pela busca de uma originalidade expressiva, as Artes enveredam-nos pela utopia como Cultura materialista sensível capaz de acolher um pensar-sentir multiespécies.

Cá e Lá, o equestre, os equinos e os bichos

Nos encontros com os cavalos e bois urbanos ficou patente a dificuldade de aproximação com os animais em si, pois nas situações prevaleceu uma sensibilidade sobre as relações entre humanos – e em especial quanto às comunidades dos cocheiros, que como disse Cleber Couto (braço esquerdo do charreteNet) ocupam um lugar ainda mais baixo na

pirâmide social do que os animais não-humanos. Essa distância me instigou a pensar e experimentar maneiras, formas e modos de aproximação e de estar juntos com outras criaturas, objeto portanto desta investigação, e chave para pensarmos ecologicamente as relações na arte.

Esse desejo, admito aqui, foi também motivado por minha ignorância em relação aos animais e plantas que me cercam, mas com os quais tive poucas oportunidades de conviver. Na lembrança de meus convívios com animais de companhia, insipidamente chamados “domésticos” por alguns, sobram frágeis e solitários peixinhos beta, chamados peixe-briga no Brasil; duas tartaruguinhas creio, mas que minha memória replica como uma; e houve dois breves pintinhos que foram esmagados tragicamente pelo apartamento, o que poupou o dilema mórbido, se os comeríamos ou não, e me deixou uma imagem assustadora da morte doída. Não recorro os nomes, mas sei que os tinham. Muito além de carne e ossos eles tiveram uma personalidade espiritual para a criança, e na pele ainda sinto falta da companhia do cão que não tive e da gata, maior que eu, a quem estou abraçado numa fotografia antiga, ambos nus. O animal do qual me senti mais companheiro tem nome, aprendi a montar o Tango no sul de Minas, na fazenda

dum tio esperto - que me presenteara com a metade desse cavalo, compartilhado então com um primo. Foi o máximo! Triste é imaginar uma criança sem bichos.

Ao relatar isso constato que meu fascínio pelos cavalos é antigo e que a questão da escala é esteticamente relevante para meu fascínio. Mais que nos acompanhar, o cavalo é capaz de nos transportar. Esse *affordance* vai de encontro a um fato interessante da simbologia do cavalo na Umbanda, quando aquele que recebe uma entidade, ao incorporá-la se torna o cavalo de criaturas mais que humanas. No museu do Oriente em Lisboa, há uma impressionante escultura equestre, um cavalo longilíneo horizontalmente, pontuado por uma criança de olhos fundos a não se ver, e que representa segundo a lenda aquele que conduz o espírito dos mortos. Embora nosso foco não seja o simbolismo do cavalo, cabe ressaltar aqui que esses trânsitos míticos entre espíritos humanos que se acoplam aos cavalos, envolvem tanto qualidades sensualmente percebidas, desde uma imagem sensorial de sua escala, força muscular e capacidade de locomoção percebidas diretamente como *affordances* (Gibson) do bicho, como uma

questão da representação a que Nietzsche assim se refere: “o de onde? da ilusão e da aparência é certamente um enigma, uma contradição” (PHG/FT, 13, KSA 1. 851 Apud Nasser). Como pode o cavalo apresentar-nos um perigo mortal e ser símbolo de vitalidade? Domesticados há pelo menos 6 mil anos, muito menos tempo que o cachorro cuja relação de companhia começa a se estabelecer a uns 18 mil anos atrás, essa potencia de mais de 400 quilos, reverte, ainda que não literalmente, a posição de presa-predador – quando temo por exemplo que o bicho me esmague ou morda. Mais selvagem e perigoso nesse sentido, o cavalo pode representar ambos, tanto a vitalidade como um trânsito do espírito. Como corpo biomecânico, os equinos foram a principal força de tração até o século XIX, apogeu da exploração de sua força como nos lembra a medida cavalo-de-força. Paralelamente eles foram em grande parte resumidos na era moderna, assim como os escravizados também o foram, à coisas sem alma, bestializados e explorados de maneira semelhante – embora a comparação com a exploração e extermínio de humanos (Coetzee) possa e deva ser melhor matizada em suas diferenças, como sugerido por exemplo no belo livro de Raymond Gaita *O Cão do Filósofo*. Mas o que será dos grandes mamíferos equinos no século XXI agora que precisamos cada vez menos de sua tração, ou, como nos mostra Haraway em *Awash in Urine* no livro discutido, de seu corpo para produção de medicamentos? Na conjunção dessas leituras, prepara-se o terreno para buscar estabelecer a pertinência dos conceitos de simagenia e simanimagenia.

Das autopoieticas ao sim poético, se, por um lado há o desafio de como se comunicar com o mundo próprio de cada espécie (Unwelth), inclusive para efetivar o contato direto e potencializar nossos laços objetiva e subjetivamente, é preciso compreendermos melhor as relações entre espécies, já que elas se apresentam de modo distinto umas às outras (Portmann) – e mesmo uma-nas-outras se pensarmos por exemplo como seres microscópios afetam comportamentos de outras criaturas* e que muitas dessas relações são percebidas só pelas afecções que nos causam, dado à diferença de escalas, ou por potentes microscópios, e outros meios tecnológicos em laboratórios – o que nos sensibiliza para uma percepção “mais que humana”, “pós-humana” ou até mesmo propriamente humana – conforme o referencial teórico. Ao pensar as multiplicidades sensíveis – em jogo numa multi-sensibilidade multiespécies, Portmann

parece ter intuído uma simpoiética do sensível ao apontar para o fato estético de como as criaturas se apresentam umas às outras, como o “vivo maravilhoso e extraordinário que gravita-nos, numa era em que a biologia começa a revelar sua estranheza e grandeza” (Portmann, 1963).

O estudo naturalista das espécies nesse sentido aponta também um caminho no qual a tecnologia pode ser usada para expandir nossa percepção do não-humano, como acontece em relação à leitura de diversos tipos de ondas eletromagnéticas e na manipulação genética, que como sugeri Haraway poderá vir a ter papel decisivo, ao lado das atitudes conservacionistas, como possibilidade de atuarmos de forma regenerativa em relação aos sistemas ambientais, hoje em acelerada deterioração. A mudança do nome da tese de “ciberÀtrações e as veredas da sensorialidade” para “ciberÀtrações e as veredas multiespécies” é motivada, portanto, pelo desejo de pensar a expressão artística a partir dos alinhamentos substanciais e reais com as criaturas e os afectos propiciados (outra tradução para *Affordance*) pelas temporalidades que se ‘espelham’ nas narrativas – desde um fabular especulativo dessas realidades.

Conversas-dança-desenho

A relacionalidade prática da investigação poética vem sendo desenvolvida nas conversas-dança-desenho – laboratórios a céu aberto com a dançarina Coline Gras, o Saldek e outros cavalos, foram realizados no Parque Monsanto em Lisboa, em áreas campestres da Extremadura e Catalunha espanholas, e nos Pirineus orientais franceses, desde 2019. Nos ensaios o uso da tecnologia está a ser pensado de maneira não intrusiva, a fim de favorecer uma sensibilidade alinhada à etologia dos equinos, como tenho aprendido com Coline, Joana e o pessoal da todos a Galope, e com a especialista Pilu e seu método do pé à Terra. As imagens a seguir foram feitas durante visita à Pilú na Catalunha. Os desenhos foram feitos com um cavalete móvel acoplado ao corpo cujo design propicia desenhar com todo corpo (e não somente com as mãos), a fim de interagir com o cinetismo que caracteriza a percepção dessas criaturas cujas mãos fazem galopar o espírito: chamo a isso Simagenia.



Fig. 7 Gastão Frota e Coline Gras. Conversa-dança-desenho, 2020. Ensaio aberto em Mar de La Riera - Camallera Espanha.

Referências bibliográficas

Rauscher, B. (2013). Pelas bordas: a cidade como território sensível. *Revista Gama, Estudos Artísticos*, 1(1), 20-25. Disponível em: <https://issuu.com/fbault/docs/gama1/20>

Rauscher, B. & Frota, G. (2013) Charretenet ciberAtrações: Arte e Ativismo na Cidade. Anais do 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Ecossistemas Estéticos / Afonso Medeiros, Idanise Hamoy, (Orgs.) -- 1. Ed. -- Belém: ANPAP;PPGARTES/ICA/UFPA. Disponível em: https://www.google.com/l?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiG7ZPzjZ_tAhXhQEEAHWsyDIOQFjAAegQIAhAC&url=http://anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/09/Gastao%20Frota%20e%20Beatriz%20Rauscher.pdf&usq=AOvVaw3W6Mvsm332wJaOGpQtw4wG

Santos, V., & Frota, G. (2018). Cyber attractions of WagonNet: modes of activist engagement for reclaiming the public space. *Editorial Coordinators: Rufus Adebayo, Ismail Farouk, Steve Jones, Maleshoane Rapeane-Mathonsi*, 123. ISEA 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/196554453.pdf#page=123>

Silva, B. (2018). Colonização, quilombos, modos e significações: Colonization, quilombos, modes and meanings. *Revista Argumentos*, 15(2), 250-258.

Ragin, C. C., & Amoroso, L. M. (2011). *Constructing social research: The unity and diversity of method*. Pine Forge Press.

Bergson, H. (2010). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*.

WMF M. Fontes. Agamben, G. (2010). *O aberto. Homem e animal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Rosa, Guimarães (1954). *Grandes Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

Nasser, E. (2013). *Epistemologia e ontologia em Nietzsche à luz do problema do tempo* (Doctoral dissertation, USP).

Favaretto, C. F. (2011). Deslocamentos: entre a arte e a vida. *ARS* (São Paulo), 9(18), 94-109. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-53202011000200007&script=sci_abstract&lng=es RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Cthulucene*. Duke University Press.

_____. *Manifesto Ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Lygia Clark > www.lygiaclark.com (sobre os bichos, arte Participativa e neoconcretismo)

Massumi, B. (2011). *Semblance and event: Activist philosophy and the occurrent arts*. MIT press.

Massumi, B. (2014). *What animals teach us about politics*. Duke University Press.

Deleuze, G. (1999). *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34.

Guattari, F., & Deleuze, G. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Editora 34. Maturana, H., & Varela, F. (1995). *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy. de Castro, E. B. V. (2012). *Cosmological perspectivism in Amazonia and elsewhere*. Manchester: HAU Journal of Ethnographic Theory. (Com prefácio de Roy Wagner) _____. (2017) *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Ubu Editora.

_____. *Metafísicas Canibais*, SP: Cosac&Naif, 2015.

Bird-David, Nurit (2019), com contribuição de pares. 'Animismo' revisitado: pessoa, meio ambiente e epistemologiarrelacionalemDebatesdoNER,PortoAlegre: ano 19, n. 35, p. 93-171.

Gibson, J. J. (1979). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin.